

Interinidade que já se prolonga requer trégua para Sarney

Brasília — O diretor do Instituto do Coração, Fulvio Pillegi, comunicou ao Presidente em exercício, José Sarney, na noite de quinta-feira, que Tancredo Neves corria seriíssimo risco de vida durante a sétima cirurgia a que se submeteria dentro de minutos.

Suas chances de sobrevivência — lamentou o médico — eram muito reduzidas, mas se a operação não fosse tentada o que restaria ao Presidente eleito seriam poucas horas pela frente. Essa informação dramática deu a Sarney, pela primeira vez e sob o forte impacto da avaliação médica, a dimensão de uma realidade que ele ainda se recusa a enfrentar: o impedimento quase definitivo do Presidente Tancredo Neves.

Sarney refere-se a sua interinidade, que amanhã completará um mês, como “uma imposição do destino” e na longa vigília de quinta-feira ele recebeu a visita solidária de um dos políticos mais queridos de Tancredo Neves — o Governador de Minas, Hélio Garcia, que foi ao Jaburu fazer uma espécie de desabafo.

— É coisa do destino — disse também o Governador, referindo-se ao martírio do amigo Tancredo, com cuja família estivera horas antes, além de haver conversado longamente com os médicos.

Respaldo

Além de estar consciente da hipótese de um impedimento definitivo do Presidente eleito, Garcia já admitiu para amigos que a investidura de Sarney precisará do respaldo de seu Estado, pelo aspecto simbólico, por ser a terra natal de Tancredo Neves; pela natureza do acordo político que resultou na Aliança Democrática, ao qual Minas deu o principal suporte; e pelo papel que o próprio Governador desempenhou como principal articulador político regional do Presidente eleito.

A presença de Hélio Garcia na quinta-feira, em Brasília, foi uma das raras compensações de Sarney nestes 30 dias, desde que cedeu a inevitável abordagem dos desdobramentos político-institucionais, caso aconteça o pior. Nos últimos 15 dias, apenas uma parcela do PDT e o PT não freqüentaram o seu gabinete do Palácio do Planalto ou a mesa do almoço e do jantar, no Jaburu, iniciando o que os políticos entenderam como uma espécie de “pedido de trégua” para o segundo período de interinidade, que se prolonga além das expectativas.

Nessas conversas, Sarney repete que é prisioneiro do destino e, principalmente, que não é seu nome que está em causa, mas a Constituição e a preservação da ordem institucional. Ouve com grande atenção e anota as sugestões com paciência. Mas evita qualquer prolongamento da conversa que implique em admitir fatos consumados.

Política econômica

Sua maior preocupação hoje é com os rumos da política econômica, pois desconhece os acertos e a orientação discutidos entre Tancredo Neves e o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles. Além disso, em virtude da paralisia que domina a burocracia oficial, onde falta ocupar dois terços dos cargos, ele acha impossível governar.

Em segundo lugar está sua apreensão com que os assessores chamam “reação das ruas”, especialmente diante da frustração popular que no momento instala um incrível culto a Tancredo na porta do Instituto do Coração, em São Paulo. Os dois fatores, na sua interpretação, estão muito associados: o povo ensaia uma reação emocional em tributo àquele que encara os compromissos de mudança, que o Presidente interino considera uma “obra assinada” por Tancredo.

— Sarney tem ao seu lado as Forças Armadas e mais de 50% das ações do Congresso Nacional. Mas terá de buscar o apoio que pode não dispor junto à classe empresarial e ao povo — argumenta um político da Aliança Democrática. Dominado por forte emoção, sempre que as crises do paciente deixam a nação em suspenso, Sarney reage de modo semelhante aos populares em frente ao Instituto do Coração: mergulha em forte depressão e retoma o expediente empurrado pelos boletins do Dr Henrique Pinotti.

Emoção no Planalto: “Ele precisa viver”

Brasília — Ao receber informações de que o Presidente Tancredo Neves tinha alguma recuperação depois da 7ª cirurgia, o Presidente interino José Sarney mostrou-se, mais uma vez, impressionado com essa resistência, durante conversa com um assessor no Palácio do Planalto. Emocionado, comentou: “Esse homem precisa viver”.

Com a agenda vazia por ter adiado a viagem que faria ao Nordeste, Sarney despachou com vários Ministros, embora o assunto principal das audiências fosse mesmo o agravamento de saúde do Presidente Tancredo Neves. De manhã, conversou com Aluizio Alves, da Administração, e com Aureliano Chaves, das Minas e Energia. Depois do almoço, despachou com Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações; Marco Maciel, da Educação; Afonso Camargo, dos Transportes; e Francisco Dornelles, da Fazenda.

Houve também um encontro especial: Sarney despachou com o Ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, seu antigo desafeto na política maranhense. O clima do encontro era de confraternização, de lamentos sobre a saúde do Presidente Tancredo Neves. Outro ex-rival esteve no Palácio: o Deputado Epitácio Cafeteira (PMDB-MA).

Sarney mostrava-se abatido em todas as audiências, ainda mais com as informações pessimistas que vinham de São Paulo. Decidiu, assim, passar o fim de semana no Palácio do Jaburu, recebendo políticos e informações detalhadas, já que no Jaburu há uma linha direta com o Instituto do Coração. Também de São Paulo, Sarney recebeu durante todo o dia informações sobre o andamento da greve dos metalúrgicos do ABC e do interior paulista.

Sarney pretendia dormir cedo, pois na véspera não conseguira dormir mais de duas horas, atento à operação de Tancredo Neves. Seu médico, José Ribamar Serrão, foi jantar no Jaburu quinta-feira e acabou ficando até as 7h da manhã. Na companhia de Sarney ficaram seus familiares — dona Marly, sua esposa, a filha Roseane, o genro Jorge Murad, o filho Sarney Jr., e uma neta — o assessor de imprensa Fernando Cesar Mesquita e o Deputado maranhense Jayme Santana, seu amigo íntimo.

Da meia-noite a 1h — quando se recolheu — Sarney recebeu muitos telefonemas, de São Paulo e de Brasília. Do hospital ligaram o porta-voz Antônio Brito e o secretário Mauro Salles; da capital, o Deputado Ulysses Guimarães.

Richa acha que Vice deve reforçar Aliança

Porto Alegre — O Governador do Paraná, José Richa, reconheceu que o Presidente em exercício, José Sarney, por não ser o titular definitivo, vive uma situação delicada. “Ele depende de uma recomposição das forças políticas que estavam apoiando o Presidente Tancredo Neves. Sarney tem que consolidar a base política, que é a base da Aliança Democrática”, recomendou.

Para o Governador paranaense, que concedeu entrevista na solenidade de transmissão do Comando do III Exército, “quanto mais se prolonga a perspectiva de assunção do Presidente Tancredo Neves, mais o Vice-Presidente tem de ir avançando, administrativamente”. Ele pediu cautela à Nação: “Todos têm de compreender que a situação do Presidente em exercício é muito complicada, porque a base política formada pela Aliança tinha um compromisso tácito com Tancredo”. E completou:

— A saúde das instituições está muito bem, graças a Deus. O povo e os políticos brasileiros estão se comportando de forma admirável, com competência. Eu espero que o bom senso continue prevalecendo — afirmou José Richa.

A interinidade prolongada de José Sarney na Presidência da República vai provocar mudanças na posição de Minas Gerais em relação ao Governo da União, fazendo com que o Estado passe a reivindicar “todos os espaços possíveis na administração federal”.

A afirmação foi feita em Belo Horizonte pelo presidente da Assembléia Legislativa e candidato à sucessão do Governador Hélio Garcia, Deputado Dalton Canabrava (PMDB).